CIDAC
Centro de Documentação
TL 3943 1

Depois de ter dito que era um prazer estar em Portugal, particularmente e neste momento em Coimbra, acabado de chegar de Lisboa onde contractou com alguns grupos, Mark Raper levará da sua estadia na Europa uma experiência que será uma ajuda no trabalho que desenvolve na Ásia.

x

O P. Mark Raper começa por falar da Jgreja Católica na Austrália.

A Igreja Católica na Austrália tem uma missão fundamental: é trabalhar com a finalidade de justiça, de solidariedade e de paz em todo o 3º. mundo, mas especialmente na ásia.

Este tipo de missão é uma missão que existe em vários países asiáticos (em 20), e que trabalham em estreita colaboração. É aquilo a que chamamos "Solariedade Asiática". Há quatro países europeus que também fazem parte deste grupo: Holanda, Inglaterra, França e Bélgica. Existe presentemente o desejo de uma maior ligação entre os países asiáticos e os países da Europa. Quando estas organizações se encontram, e antes da troca de experiências, têm como prática estarem durante uma semana a viver junto das populações mais pobres dos países onde se encontram.

Na Ásia vão para as aldeias ou mesmo para as plantações. Na Europa vão trabalhar em comunidades de operários, de trabalhadores agrícolas ou dos pequenos rendeiros. Só depois de estarem essa semana juntos é que de facto se encontram para discutirem os problemas de natureza ideológica.

Concretamente, estou aqui neste momento porque vim de França, onde estive a trabalhar nesta missão de ligação com outras comunidades. Estando em França, deslouei-me a Portugal como um delegado da missão Australiana.

Esta organização tem duas finalidades fundamentais. Uma delas é procurar arranjar apoiantes e amigos. Outra é procurar a ligação com as pessoas interessadas e fazer-lhes compreenter qual é a acção que tenho nesta missão e o que é esta soli -

dariedade asiática e e qual o seu trabalho. Esta acção, esta compreensão, esta militância na Europa é extramamente importante. Porquê? Porque na maior parte dos países asiáticos, com excepção da Austrália, esses países vivem defacto sob ditaduras militares e por isso ser muito importante podermos chamar a atenção das pessoas para o que lá se passa. Muito concretamente o caso particular de Timor-Leste entra dentro deste panorama geral e a ideia desta vinda ao estrangeiro, e desta sensibilização internacional resulta do facto do próprio povo indonésio não conhecer qual a situação de Timor-Leste. E o modo de fazer com que o povo da Indonésia saiba o qus se passa em Timor-Leste, será através da imprensa estrangeira, da informação internacional.

Para mostrar muito claramente qual o grau de explaração e de opressão desse povo, vou contar uma experiência pessoal vivida o ano passado no norte da ilha de Samatra, numa plantação de óleo de palma. Nunca vi gente tão pobre como aquela. Trabalhavam 6 dias e meio por semana, tinham apenas meio dia de descanso com 10 a 12 h de trabalho por dia. Recebiam como salário 1 dólar (cerca de 50$00). A condição de trabalho destes trabalhadores é de escravatura, porque o contrato é em termos de quotas, isto é o trabalhador tem que entregar à companhia uma certa quantidade de óleo de palma e isso faz com que toda a família tenha que ficar envolvida para poder conseguir essa quantidade mínima que a companhia impõe.

Não têm qualquer tipo de segurança pessoal, qualquer tipo de assistência. Se ficarem doentes não ganham e, quando velhos, quando já não podem trabalhar mais, têm que deixar a própria casa, porque a casa é da companhia.

Jamais encrntrei pessoas tão pobres na minha vida. Sob o ponto de vista religioso são cristãos. Uma pequena mancha de cristãos, que existe na morte de Samatra, contràriamente ao resto da população de Indonésia que é mulçumana.

Para que avaliem o tipo de exploração existente, digo-vos que essa plantação tem vários milhões de dolares de lucro. Uma parte desses lucros é distribuido pela gerência. A gerência é cristã também. E tudo cristão. Perguntei aos trabalhadores se

tinham possibilidade de ir à igreja ao domingo, disseram-me que sim. Vão todos à igreja: os trabalhadores, a gerência ...

Perguntei ainda aos trabalhadores: então qual é a vossa sensação quando se sentam na mesma igreja com os gerentes? - Sentimo-nos envergonhados, porque 6 dias na semana somos tratados como escravos e durante parte de um dia, dizem-nos que somos irmãos.

Quando acabei a visita que tinha qne fazer à plantação, alguém ms disse para ir falar com um elemento da gerência. Assim fiz.

entrei numa casa vulgar. Houve um aspecto que me chocou imediatamente. Na entrada, na parede, havia um quadro com a figura de Jesus mártir com aspecto de sofrimento. Noutro quarto encontrei um segundo quadro onde aparecia Jesus com a coroa de espinhos e as chagas. O que mais me chocou e me envergonhou foi verificar como aquele gerente podia separar o sofrimento de Jesus, do sofrimento dos trabalhadores.

Verifiquei que é uma realidade! Há pessoas que conseguem separar o sofrimento do seu semelhante , do sofrimento de Cristo.

Uma das minhas preocupações, a minha acção e de todos os que comigo trabalham, é a preocupação de fazer a ligação entre o sofrimento de Cristo e o sofrimento das pessoas.

Na Ásia a Igreja Católica tem menos de 3% da população e, em alguns países, nem 1% No entanto a influência da Igreja Católica nesses países é muito superior ao valor numérico da população, uma vez que a Igreja Católica tem imensas actividades escolares. O país mais católico, as Filipinas, tem um regime corrupto e opressor. (A Igreja Católica não se pode gabar do trabalho que tem feito na Ásia, com este exemplo das Filipinas).

(Neste momento o Padre Jesuita Mark Raper, propõe à assistência três temas. Falará sobre um deles, porque só dispõe de alguns minutos e não é possivel, neste curto espaço de tempo, abordar tanto assunto com interesse, mas que falar da Ásia, sob o ponto de vista religioso é falar sobre metade da população do mundo).

Cada país da Ásia tem um tipo de religião principal. Por exemplo: na Tailândia, um tipo de budismo; na Malásia e na Indonésia, o islão; nas Filipinas o "catolicismo espanhol".

Para entender a questão de justiça ou injustiça em qualquer país é muito importante conhecer sobre a cultura desse país, senão não tem interesse.

Um outro assunto que posso falar é sobre Timor-Leste onde estive em Outubro de 1975, depois em Dezembro do mesmo ano. Passados dois ou três meses deu-se a invasão pela Indonésia, mas tenho estado em contacto com a situação.

Estive ainda em 1975 na Nova Guiné e nessa altura envolvido no movimento de libertação e independência.

Tenho estado também várias vezes na Indonésia onde, por exemplo, assisti à libertação de dezenas de milhar de prisioneiros. Estive recentemente em cima dos acontecimentos na Coreia do Sul, em ... onde, como vocês sabem, foram mortos 400 estudantes, pela polícia.

Ainda posso falar, se desejarem, dos movimentos católicos nas Filipinas que se opõem claramente ao regime vigente.

(Como o interesse dos presentes era sober sobre Timor-Leste, foi este o tema escolhido)

x x x x x x

O serviço da Igreja Católica a Timor-Leste não é fácil porque o governo americano deseja intervir directamente. A razão desse interesse é porque o exército indonésio não controla as pessoas que realmente não confiam neles, nem mesmo no povo indonésio, pois sentem-se particularmente infelizes com a sua situação.

A Igreja Católica indonésia e bem assim católicos não indonésios tentam intervir directamente mas sem qualquer sucesso. Daí a razão de ser da minha campanha e da organização onde actuo, sensibilizar as pessoas para que, com pressões junto do governo, consigam que, internacionalmente, estes programas de ajuda tenham eficiência. Por minha parte penso que a Austrália e Portugal têm responsabilidade na invasão da Indonésia.

A Austrália porque, antes da invasão, houve consultas entre o governo australiano e o governo indonésio.

Portugal ... abandonou Timor.

Na Austrália há movimentos com australianos e portugueses que repudiam a invasão e denunciam a situação de Timor-Leste.

O auxílio da Cruz Vermelha internacional é feita através do exército indonésio. O auxílio do governo americano é feito do seguinte modo: o governo entrega à congregação dos bispos católicos americanos, e estes fazem chegar à igreja católica indonésia. Mas a minha organização não aceita as condições que lhe sejam impostas pelo governo indonésio. Desejam ser eles a fazer a ajuda directa aos refugiados. Ora esta minha peregrinação tem como objectivo principal sensibilizar as pessoas para que esta intervenção de ajuda seja directamente feita aos refugiados.

Como poderia ter feito em 75, o exército português?

Em Agosto de 1975 houve uma luta que durou 10 dias entre a U.D.T. e a F.R.E.T.I.LIM e durante essa luta os soldados portugueses mantiveram-se nos quarteis. Ora bastava a saída das tropas para a rua para que a luta, entre aquelas facções, parasse, o que aliàs já acontecera noutros casos semelhantes. Acontece que nessa altura houve uma decisão política feita em Lisboa, que mandou retirar a tropa para a ilha de Ataúro, a uns 30 km. de Dili.

Em Abril de 75 houve uma primeira tentativa de invasão por parte da Indonésia e nessa altura o exército indonésio esteve com cerca de 200.000 homens junto da fronteira. Então o Governador Lemos Pires fez uma declaração, (uma proclamação) denunciando a situação, que teve um impacto tal que foi o suficiente para que as tropas indonésias retirassem.

Em Junho de 1975 houve contactos entre personalidades de direita (que tiveram contactos com governantes indonésios). Ora esses diplomatas portugueses asseguraram na altura que se acontecesse outra tentativa de invasão os portugueses não oferecer iam qualquer tipo de resistência. É certo que na altura não era possivel qualquer

intervenção de ordem militar por parte de Portugal. No entanto, o que penso é que no futuro, o governo português através da assembleia das Nações Unidas, através de organizações internacionais e através de acções diplomáticas poderá sensibilizar o governo indonésio e assim trazer melhorias para toda a população de Timor-Leste. Penso que o governo indonésio será sensivel a isso.

Quanto à igreja católica e à Fretilim. A Igreja Católica não tem nada a ver com a F.R.E.T.I.L.I.M. e a sua missão é simplesmente humanitária.

De qualquer maneira a minha organização toma em atenção todas as notícias, todas as acusações que são reveladas pela F.R.E.T.I.L.I.M., mas somos muito cuidadosos. Não aceitamos logo como verdade e procuramos fazer o controlo da sua veracidade através de organizações católicas da Indonésia e de alguns visitantes que vão da Indonésia a Timor-Leste.

A F.R.E.T.I.L.I.M. neste momento, não só os militantes de Fretilim, mas todo o povo, todos os nacionalistas, se juntam em torno da F.R.E.T.I.L.I.M. e os apoíam na luta contra o invasor. Os indonésios levaram os timorenses (os timorenses que tinham alguma razão de queixa contra a Fretilim),armaram-nos para irem lutar nas montanhas contra os elementos da F.R.E.T.I.L.I.M., usando a venha estratégia "dividir para governar, para reinar". Há 3 ou 4 semanas um grupo que tinha sido armado para ir lutar contra a F.R.E.T.I.L.I.M., juntou-se à própria F.R.E.T.I.L.I.M.

Muito recentemente apareceram nos jornais indonésios notícias de encontros entre a F.R.E.T.I.L.I.M. e o exército indonésio na parte leste de Timor-Leste. Com respeito ao que conheço das acções da F.R.E.T.I.L.I.M. no interior há algumas centenas de querrilheiros que mantém focos de insurreição e de luta contra o exército indonésio.

Quanto ao exterior sei, por exemplo, de dois representantes da F.R.E.T.I.L.I.M. em Portugal, o Abílio Araújo e o José Luís Guterres. Mas a principal representação da F.R.E.T.I.L.I.M. situa-se em Maputo devido ao apoío do Governo de Moçambique à

F.R.E.T.I.L.I.M..

No campo diplomático o seu principal objectivo é evitar que a comunidade internacional, os países reconheçam a intergração efectiva de Timor-Leste na Indonésia. De qualquer maneira a posição da Igreja Católica australiana será sempre a de atender à situação existente.